



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO TOCANTINS
CAMPUS PALMAS
LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

JOSYANNE MOREIRA DE OLIVEIRA

**ENTRE O SAGRADO E O SILENCIADO: O FANTÁSTICO DE TORTO ARADO NA
CONSTRUÇÃO DA LUTA ANTIRRACISTA**

**PALMAS
2025**

JOSYANNE MOREIRA DE OLIVEIRA

**ENTRE O SAGRADO E O SILENCIADO: O FANTÁSTICO DE *TORTO ARADO* NA
CONSTRUÇÃO DA LUTA ANTIRRACISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Graduação de
Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua
Portuguesa da Unidade Campus Palmas, do
Instituto Federal do Tocantins, como exigência à
obtenção do título de Licenciado(a) em Letras com
Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Abrão da Silva
Castilho.

PALMAS
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

O48s Oliveira, Josyanne Moreira
 ENTRE O SAGRADO E O SILENCIADO: O FANTÁSTICO DE
 TORTO ARADO NA CONSTRUÇÃO DA LUTA ANTIRRACISTA /
 Josyanne Moreira Oliveira. – Palmas, TO, 2026.
 29 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Habilitação
em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO, 2026.

Orientador: Dr. Juliana Abrão da Silva Castilho

1. Literatura brasileira contemporânea. 2. afro-brasileira. 3. Racismo e
resistência. I. Abrão da Silva Castilho, Juliana. II. Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins de estudo e
pesquisa, desde que citada a fonte.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a).**

JOSYANNE MOREIRA DE OLIVEIRA

**ENTRE O SAGRADO E O SILENCIADO: O FANTÁSTICO DE *TORTO ARADO*
NA CONSTRUÇÃO DA LUTA ANTIRRACISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à coordenação do Curso de
Licenciatura em Letras – Habilitação em
Língua Portuguesa do Instituto Federal
do Tocantins – IFTO, Campus
Palmas-TO, como exigência à obtenção
do grau de Licenciatura em Letras -
Habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovado em: 26/01/2026

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 JULIANA ABRÃO DA SILVA CASTILHO
Data: 31/01/2026 17:55:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Dra. Juliana Abrão da Silva Castilho
IFTO – Campus Palmas

Documento assinado digitalmente
 SORAIA CRISTINA BLANK ARRAES
Data: 31/01/2026 10:45:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Dra. Soraia Cristina Blank Arraes

IFTO – Campus Palmas

Documento assinado digitalmente
 CARLOS EDUARDO PANOSSO
Data: 31/01/2026 12:32:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Dr. Carlos Eduardo Panosso

IFTO

Este trabalho é dedicado a Deus, fonte de força, sustento e sentido em toda a minha caminhada; à minha família; e a mim mesma, pela coragem de permanecer e crescer enquanto estudante e futura professora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por me conceder sabedoria, força e perseverança ao longo de toda esta caminhada, sustentando-me nos momentos de cansaço e incerteza. À minha mãe, Maria Rosa, pelo incentivo constante aos estudos, pelo apoio incondicional e por acreditar em mim quando eu mesma duvidava. Ao meu pai, José Carlos, por nunca medir esforços para garantir nossos estudos, trabalhando incansavelmente para que a educação sempre fosse uma prioridade em nossas vidas.

Agradeço também à minha irmã Josyellen, meu braço direito e uma das minhas maiores forças, por estar presente em todos os momentos, pelo cuidado, apoio e parceria. Sua dedicação e seu amor foram fundamentais para que eu conseguisse seguir em frente. Aos meus irmãos Josykleiton e Josyeliton, pelo incentivo e companheirismo ao longo desse processo.

Não posso deixar de agradecer ao meu noivo Hugo, por caminhar comigo em todos os momentos, oferecendo amor, paciência e motivação que me ajudaram a chegar até aqui.

Agradeço a todos os professores que, de alguma forma, contribuíram para a minha formação acadêmica e humana. E à minha amiga Rhayssa, pela sua amizade e pela cumplicidade que tornou esse percurso mais leve. De modo especial, agradeço à minha orientadora Juliana, por sua competência, sensibilidade e compromisso ao longo de todo o processo de orientação. Obrigada por tudo.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar de que forma o sagrado, o silêncio e o fantástico são construídos no romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, como elementos de resistência e de luta antirracista. A pesquisa busca compreender como esses elementos se articulam à memória, à ancestralidade e à espiritualidade afro-brasileira, revelando a experiência de um povo negro e pobre historicamente invisibilizado e explorado no meio rural. A análise destaca o papel das personagens femininas, especialmente Bibiana e Belonísia, evidenciando o silêncio como linguagem simbólica e divina como força de preservação da identidade coletiva. Para fundamentar a discussão, o estudo dialoga com autores que abordam questões raciais, culturais e literárias, como Lélia Gonzalez (1984), Sérgio Ferretti (2001), Tzvetan Todorov (2008), Mikhail Bakhtin (2011) e Rita Felski (2020), permitindo compreender a dimensão sobrenatural como categoria narrativa, a multiplicidade de vozes presentes na obra e as funções de engajamento da literatura. Metodologicamente, a pesquisa desenvolve-se por meio de uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e interpretativo, com base na análise textual do romance, utilizando o procedimento de leitura atenta (*close reading*) de trechos significativos. Conclui-se que *Torto Arado* constrói uma narrativa em que o celestial e o fantástico não se afastam da realidade, mas funcionam como expressões simbólicas da força, da memória e da luta por dignidade e justiça social, reafirmando a literatura como espaço de denúncia, preservação cultural e reconstrução da voz coletiva.

Palavras-chave: Sagrado. Silêncio. Fantástico. Ancestralidade. Resistência.

ABSTRACT

The present study aims to analyze how the sacred, silence, and the fantastic are constructed in the novel *Torto Arado*, by Itamar Vieira Júnior, as elements of resistance and anti-racist struggle. The research seeks to understand how these elements are articulated with memory, ancestry, and Afro-Brazilian spirituality, revealing the experience of a Black and impoverished people historically silenced and exploited in rural contexts. The analysis highlights the role of female characters, especially Bibiana and Belonísia, emphasizing silence as a symbolic language and the divine as a force for the preservation of collective identity. To support the discussion, the study engages with authors who address racial, cultural, and literary issues, such as Lélia Gonzalez (1984), Sérgio Ferretti (2001), Tzvetan Todorov (2008), Mikhail Bakhtin (2011), and Rita Felski (2020), allowing for an understanding of the supernatural dimension as a narrative category, the multiplicity of voices present in the work, and the functions of literary engagement. Methodologically, the research adopts a qualitative, bibliographic, and interpretative approach, based on textual analysis of the novel through close reading of significant excerpts. It is concluded that *Torto Arado* constructs a narrative in which the sacred and the fantastic do not distance themselves from reality but function as symbolic expressions of strength, memory, and the struggle for dignity and social justice, reaffirming literature as a space for denunciation, cultural preservation, and the reconstruction of collective voice.

Keywords: Sacred. Silence. Fantastic. Ancestry. Resistance.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	11
3. VIDA E OBRA DO AUTOR ITAMAR VIEIRA JÚNIOR	13
4. O SAGRADO COMO RESISTÊNCIA	14
5. O SILENCIADO: CORPO, VOZ E RESISTÊNCIA FEMININA	17
6. O FANTÁSTICO E A ANCESTRALIDADE COMO LINGUAGEM DE RESISTÊNCIA	20
7. LUTA ANTIRRACISTA E CONSCIÊNCIA COLETIVA	22
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28

1. INTRODUÇÃO

A literatura constitui uma das formas mais expressivas de representação da sociedade, pois reflete sentimentos, crenças, dores e transformações humanas ao longo do tempo. A maneira como uma sociedade se organiza e constrói a identidade de seus indivíduos está diretamente relacionada aos contextos históricos e culturais que a atravessam.

No contexto brasileiro, a herança da escravidão e as profundas desigualdades sociais permanecem como marcas estruturais, refletindo-se de modo significativo nas produções literárias que buscam dar visibilidade aos grupos historicamente silenciados. Entre esses grupos, destaca-se o povo negro e pobre, especialmente os moradores e trabalhadores do campo, cada vez mais retratados por escritores contemporâneos empenhados em resgatar histórias, denunciar injustiças e valorizar a cultura, a espiritualidade e as formas de resistência dessas populações.

Nesse cenário, o romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, publicado em 2019, destaca-se como uma das obras mais relevantes da literatura brasileira contemporânea. Ambientado no sertão da Bahia, o livro narra a história das irmãs Bibiana e Belonísia, que vivem com os pais em uma fazenda marcada pela pobreza, pela desigualdade social e pela exploração do trabalho rural.

A trajetória das personagens é atravessada pela fé, pela ancestralidade e pela presença constante do sagrado, que se manifesta como força de cura, pertencimento e oposição silenciosa ao conjunto de práticas sociais e políticas que historicamente oprimem o povo negro. Ao articular elementos do realismo social com o fantástico, o autor constrói uma narrativa que denuncia o racismo estrutural e as injustiças históricas, ao mesmo tempo que evidencia a força espiritual e coletiva de um povo que se recusa a desaparecer.

A escolha do tema deste trabalho surgiu a partir da leitura de *Torto Arado*, a qual despertou o interesse em compreender de que modo Itamar Vieira Júnior mobiliza a força simbólica, o silêncio e o plano do invisível como instrumentos de permanência coletiva e de preservação da identidade do povo negro. A obra suscitou o questionamento acerca de como esses elementos podem ser interpretados como expressões da luta antirracista e da construção da consciência coletiva. Assim, o presente estudo tem como objetivo geral analisar de que forma a espiritualidade e a chave narrativa ancestral são apresentados na narrativa e de que maneira contribuem para a denúncia das desigualdades sociais e raciais ainda presentes no Brasil.

Torto Arado ultrapassa o campo do que é estritamente literário e se configura como um retrato simbólico, social e espiritual do povo brasileiro, tornando esse estudo aprofundado ainda mais relevantes. O romance apresenta um contexto histórico e cultural de desvalorização da religiosidade popular e das tradições afro-brasileiras; paradoxalmente, estas são as práticas que mantêm a comunidade unida e fortalecida. Na obra, a fé assume papel central na preservação da identidade cultural e na estabilidade social, revelando-se como um modo de lutar e sobreviver.

A linguagem simbólica, por sua vez, configura-se como recurso narrativo que representa a presença dos antepassados e das forças invisíveis que habitam o cotidiano das personagens. Desse modo, constrói-se uma cosmovisão em que o real e o espiritual coexistem e se complementam.

Diante disso, a pesquisa parte do seguinte questionamento: de que forma a prática ritual e a experiência do extraordinário em *Torto Arado* constroem uma narrativa de sustentação da comunidade e de luta antirracista? A partir dessa problemática, busca-se analisar como Itamar Vieira Júnior representa essas dimensões na obra, relacionando-as à memória, à religiosidade e à ancestralidade afro-brasileira.

Como objetivos específicos, pretende-se compreender o papel da experiência religiosa como fonte de fé e identidade cultural; investigar o silêncio e a perda da voz das personagens como metáforas do apagamento histórico das populações negras e pobres; e interpretar o uso da dimensão sobrenatural como linguagem simbólica da oposição silenciosa e do legado histórico coletiva. A pesquisa desenvolve-se por meio de uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e interpretativo. Conforme Gil (2002), esse tipo de abordagem é fundamental para a compreensão de fenômenos sociais complexos, uma vez que privilegia a interpretação e a análise de significados.

Segundo Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica baseia-se no levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas em livros, artigos científicos e outros meios escritos ou eletrônicos. Dessa forma, o trabalho fundamenta-se em obras teóricas e críticas que auxiliam na leitura e na compreensão dos temas centrais presentes no romance.

A base teórica que sustenta a pesquisa inclui autores que discutem questões raciais, de gênero e de religiosidade no contexto brasileiro. Destaca-se, sobretudo, a contribuição de Lélia Gonzalez, no texto *Racismo e sexismo na cultura brasileira* (1984), que analisa a invisibilização histórica da mulher negra na sociedade brasileira. Soma-se a esse diálogo a obra de Sérgio Ferretti, *Notas sobre o sincretismo religioso no Brasil* (2001), que compreende

o sincretismo religioso afro-brasileiro como forma de estratégia de sobrevivência cultural e de preservação identitária.

O desenvolvimento do trabalho ocorre em três etapas principais. Inicialmente, realiza-se o levantamento teórico, com leitura e fichamento das obras que abordam a força simbólica, a dimensão espiritual da narrativa e a resposta histórica à violência negra na literatura. Em seguida, procede-se à análise do romance *Torto Arado*, com destaque para símbolos, personagens e episódios que representam a espiritualidade, a ausência de fala e o silenciamento histórico. Por fim, os resultados da análise são discutidos à luz dos referenciais teóricos selecionados.

A escolha de *Torto Arado* como objeto de análise se deu pela atualidade de sua discussão e a profundidade de sua temática. O romance evidencia que, mesmo após mais de um século da abolição da escravidão, a desigualdade racial e social permanece como uma das marcas mais profundas do país. A exploração do trabalho rural, a concentração fundiária, a marginalização das mulheres negras e a invisibilização das tradições afro-brasileiras dialogam diretamente com o presente e convidam o leitor à reflexão sobre a necessidade de transformação social. Ao mesmo tempo, a obra celebra a força e a esperança do povo negro, que encontra no universo espiritual e na coletividade caminhos para reconstruir sua dignidade.

Desse modo, este trabalho pretende contribuir para a valorização da literatura afro-brasileira e para a ampliação do debate sobre a importância da cosmovisão ancestral e da espiritualidade na formação da identidade cultural brasileira. Nesse sentido, a leitura de *Torto Arado* pode ser compreendida como uma experiência de engajamento, conforme propõe Rita Felski, ao afirmar que a literatura mobiliza afetos, produz reconhecimento e estabelece vínculos entre texto e leitor. A obra de Itamar Vieira Júnior não apenas representa uma realidade social marcada pela desigualdade, mas convoca o leitor a reconhecê-la como parte da história coletiva brasileira. Assim, o romance não se limita à denúncia, mas promove envolvimento ético e emocional, reafirmando a literatura como espaço tanto de permanência quanto de transformação social (Felski, 2020).

O trabalho está organizado em seções que dialogam entre si a partir da análise do romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior. Após esta introdução, apresenta-se um breve panorama sobre a vida e a obra do autor, contextualizando sua trajetória literária e social. Em seguida, desenvolve-se a análise da religiosidade popular como elemento estruturante da resistência na comunidade ficcional de Água Negra. Posteriormente, discute-se o silenciamento dos corpos e das vozes femininas como expressão da violência histórica e simbólica imposta às populações negras. Na sequência, aborda-se o fantástico e a herança

afro-brasileira como linguagens narrativas de afirmação identitária e preservação da memória coletiva. Por fim, analisa-se a luta antirracista e a construção da consciência coletiva, culminando nas considerações finais, que retomam os principais resultados da pesquisa.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo, fundamentado na pesquisa bibliográfica e na análise textual do romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior. A abordagem qualitativa justifica-se por priorizar a compreensão dos significados simbólicos, culturais e sociais construídos pela obra literária, especialmente no que menciona às categorias do sagrado, do silêncio, do fantástico, da ancestralidade e da luta antirracista.

No que se refere às fontes de dados, o corpus da pesquisa é constituído pelo texto integral do romance *Torto Arado*, em edição publicada pela Editora brasileira Todavia (2019), bem como por artigos científicos, obras teóricas e textos críticos que subsidiam a análise desenvolvida ao longo do trabalho. O levantamento bibliográfico contemplou autores que discutem literatura, espiritualidade afro-brasileira, racismo estrutural, narrativa fantástica e teoria literária, selecionados de acordo com sua pertinência aos eixos temáticos que estruturam os capítulos do estudo, possibilitando um diálogo interdisciplinar entre literatura, estudos culturais e crítica racial.

No eixo referente ao sagrado e à religiosidade popular, a análise dialoga com os estudos de Sérgio Ferretti (2001), que abordam o sincretismo religioso afro-brasileiro como prática de resistência e preservação cultural. Para a discussão acerca do silenciamento, do corpo e da experiência feminina negra, recorrem-se às contribuições de Lélia Gonzalez (1984), que analisa as interseções entre racismo e sexismo na cultura brasileira.

Já a reflexão sobre o fantástico e a ancestralidade como linguagem narrativa fundamenta-se, principalmente, na teoria de Tzvetan Todorov (2008), que permite compreender a dimensão sobrenatural como elemento integrado à realidade cultural representada na obra. Já a análise da consciência coletiva e da multiplicidade de vozes narrativas apoia-se nos conceitos de dialogismo e polifonia desenvolvidos por Mikhail Bakhtin (2011). Por fim, a compreensão da literatura como espaço de engajamento, reconhecimento e produção de sentido estabelece diálogo com as reflexões de Rita Felski (2020).

Quanto aos procedimentos de análise, o trabalho adota como método principal a leitura atenta do texto literário (*close reading*), compreendida como uma prática sistemática de interpretação, associada a princípios da análise de conteúdo, adaptados ao campo da análise literária. A leitura foi orientada pela questão central da pesquisa e pelos objetivos específicos definidos na introdução, de modo que a seleção e a interpretação dos trechos não se restringissem à descrição do enredo, mas à investigação dos sentidos simbólicos e sociais produzidos pelo texto.

Inicialmente, realizou-se uma leitura integral da obra, com o objetivo de apreender o romance em sua totalidade, considerando o enredo, as personagens, o contexto social representado e os elementos simbólicos recorrentes. Essa leitura possibilitou uma compreensão global do texto e orientou a definição dos eixos temáticos centrais do estudo.

Posteriormente, procedeu-se à releitura analítica, acompanhada da elaboração de fichamentos. Nessa etapa, foram selecionados e registrados trechos considerados significativos, organizados em unidades de significação, entendidas como segmentos textuais que concentram ideias, conflitos ou recorrências relevantes para os temas investigados. Essas unidades foram associadas aos eixos analíticos do trabalho: sagrado, silêncio, fantástico, ancestralidade e luta antirracista; e acompanhadas da indicação de página, das personagens envolvidas e do contexto narrativo.

Em seguida, as unidades de significação foram organizadas por meio de um processo de categorização temática, construído a partir dos objetivos da pesquisa e do referencial teórico adotado. Tal procedimento permitiu identificar padrões narrativos, recorrências simbólicas, tensões internas e silêncios significativos, bem como compreender de que modo esses elementos se articulam na construção da consciência coletiva e das estratégias de resistência presentes no romance.

O processo interpretativo desenvolveu-se no movimento contínuo entre partes e totalidade, de modo que cada unidade de significação foi analisada em seu contexto imediato e, posteriormente, relacionada ao capítulo correspondente e ao conjunto da obra. Por fim, realizou-se a interpretação dos excertos à luz dos aportes teóricos selecionados, estabelecendo-se um diálogo entre o texto literário e as contribuições da crítica literária, dos estudos culturais e das reflexões sobre espiritualidade e relações raciais, sem a pretensão de esgotar as múltiplas possibilidades interpretativas do romance.

Dessa forma, a metodologia adotada possibilita compreender *Torto Arado* como uma obra que articula linguagem simbólica, experiência espiritual e crítica social, permitindo analisar como o sagrado, o silêncio e o fantástico operam como estratégias narrativas de

resistência e de preservação da memória coletiva. O percurso metodológico descrito assegura coerência entre os objetivos da pesquisa, o referencial teórico e a análise desenvolvida ao longo do trabalho.

3. VIDA E OBRA DO AUTOR ITAMAR VIEIRA JÚNIOR

Itamar Vieira Júnior nasceu em Salvador, capital da Bahia, em 18 de novembro de 1979. Filho de uma família simples, teve desde cedo contato com as realidades do interior do Nordeste, especialmente do sertão baiano, espaço que mais tarde se tornaria fonte recorrente de inspiração para sua produção literária. Sua formação e trajetória profissional sempre estiveram associadas ao campo social e à observação da vida do povo trabalhador.

Graduou-se em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), instituição na qual também concluiu o mestrado e o doutorado. Como servidor público, atuou durante anos no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), experiência que lhe proporcionou contato direto com comunidades rurais e quilombolas do interior baiano. Esse percurso profissional marcou profundamente sua escrita e deu origem a temas recorrentes em sua obra, como a luta pela terra, a desigualdade social, a religiosidade popular e a perseverança do povo negro e do trabalhador rural.

Desde jovem, demonstrou interesse pela literatura. No início de sua carreira, publicou contos em revistas e coletâneas, conquistando reconhecimento pela sensibilidade com que retrata a vida das populações simples do sertão. Em 2012, lançou seu primeiro livro de contos, *Dias*, que recebeu elogios da crítica e foi finalista de importantes prêmios literários.

O reconhecimento nacional e internacional consolidou-se com o romance *Torto Arado*, publicado em 2019 pela Editora Todavia. A obra, ambientada no sertão baiano, narra a história de duas irmãs, Bibiana e Belonísia, que vivem em uma comunidade marcada pela pobreza, pelo trabalho árduo e pela fé ancestral. Ao articular elementos do realismo social com o fantástico, o autor constrói uma narrativa que denuncia o racismo estrutural e a exploração do povo negro e do trabalhador rural. O romance foi amplamente reconhecido pela crítica, recebendo importantes prêmios literários, entre eles o Prêmio Jabuti de Romance Literário e o Prêmio Jabuti – Livro do Ano, além do Prêmio Oceanos e do Prêmio LeYa de Literatura, em 2020 (Prêmio Jabuti, 2020).

A escrita de Itamar Vieira Júnior caracteriza-se por uma linguagem poética e sensível, que combina o realismo social à força simbólica da religiosidade popular. Em suas obras, o autor aborda temas como a luta pela terra, a tradição herdada, a fé afro-brasileira, a

desigualdade social e a persistência do povo negro, conferindo voz às populações historicamente marginalizadas e revelando as contradições e as belezas do Brasil profundo.

Além de *Torto Arado*, Itamar publicou, em 2023, o romance *Salvar o Fogo*, que retoma e aprofunda questões já presentes em sua produção anterior, ampliando a reflexão sobre fé, justiça e humanidade. Com uma escrita que alia denúncia social e lirismo, o autor consolidou-se como um dos nomes mais relevantes da literatura contemporânea brasileira.

Atualmente, Itamar Vieira Júnior é reconhecido internacionalmente, e suas obras foram traduzidas para diversos idiomas, como inglês, francês, espanhol e italiano. Sua trajetória literária evidencia um compromisso contínuo com o saber transmitido, a espiritualidade e a luta do povo negro, reafirmando a literatura como espaço de obstinação e transformação social.

4. O SAGRADO COMO RESISTÊNCIA

Em *Torto Arado*, o sagrado não se apresenta como elemento periférico ou episódico da narrativa, mas constitui uma dimensão estruturante da vida da comunidade de Água Negra. Ele atravessa relações familiares, práticas de trabalho, modos de cuidado e formas de organização coletiva. A espiritualidade retratada no romance não se vincula a instituições formais nem a dogmas rígidos; constrói-se, antes, a partir da experiência cotidiana, da experiência acumulada ancestral e do vínculo profundo com a terra. Nesse sentido, a força simbólica atua como sustentáculo emocional da comunidade e oferece sentido à existência em um contexto marcado pela exploração, pela pobreza e pela exclusão historicamente instituídas.

A narrativa não evidencia separação entre o plano espiritual e o plano material da vida. Plantar, colher, cozinhar, rezar, curar, dançar e lembrar integram um mesmo fluxo de vivência, no qual a fé não representa fuga da realidade, mas como prática concreta que organiza o cotidiano, fortalece os vínculos comunitários e preserva identidades ameaçadas pelo apagamento social. Assim, a experiência religiosa não anula a dureza da vida no campo, mas oferece instrumentos simbólicos para enfrentá-la, funcionando como forma de sobrevivência diante das violências estruturais.

Desde as primeiras páginas, a dimensão espiritual manifesta-se de maneira intensa por meio da figura de Donana. A avó representa a ligação entre passado e presente, entre vivos e mortos, entre corpo e a continuidade do passado. Seus gestos, suas falas e seus hábitos carregam saberes que não foram registrados por escrito, mas que sobreviveram pela oralidade

e pela repetição cotidiana. A mala que Donana arrumava diariamente antes da morte torna-se símbolo central dessa herança espiritual, funcionando como depósito de lembrança coletiva, rezas e segredos ancestrais.

A mala, durante toda a nossa existência, estava debaixo da cama. Eu mesma fui para o quintal espiar pela porta e ver vó Donana se arrastando em direção à mata. [...] Nos habituamos a ouvir Donana falar pela casa, falar na porta da rua, no caminho para a roça, falar no quintal [...]. Fingíamos brincar só para escutar e depois repetíamos suas falas com as bonecas (Vieira Júnior, 2019, p. 9-10).

A experiência religiosa que se aprende pela convivência, não há formalização dos ensinamentos míticos. As crianças absorvem os saberes por meio da observação e da repetição. A mala da avó, a fala constante de Donana e seu caminhar em direção à mata constituem uma pedagogia ancestral que molda a formação das personagens desde a infância. Tanto Bibiana quanto Belonísia crescem nesse ambiente em que o invisível integra o cotidiano, e que marca profundamente a forma como ambas interpretam o mundo e enfrentam as adversidades.

Se Donana representa o registro simbólico ancestral, Salustiana encarna a continuidade dessa espiritualidade no cotidiano doméstico. Como mãe de Bibiana e Belonísia, ela sustenta a vida familiar por meio do trabalho constante, do cuidado e da manutenção dos rituais com mudez imposta com que organizam a casa. Mesmo sem ocupar posição central no jarê¹, sua atuação é fundamental para a preservação do equilíbrio familiar e comunitário. Em Salustiana, a espiritualidade manifesta-se menos em rituais visíveis e mais na persistência diária, no esforço contínuo para garantir a sobrevivência dos filhos.

Nesse ponto, a reflexão de Lélia Gonzalez contribui para compreender como a experiência de mulheres como Salustiana se insere em uma lógica social mais ampla. Gonzalez (1984) discute a violência simbólica do mito da democracia racial, mostrando como a mulher negra é ora exaltada em contextos de fantasia, ora relegada ao trabalho invisível e subalterno no cotidiano. Salustiana aproxima-se desse segundo polo: ela sustenta a casa, alimenta a família e mantém a vida em funcionamento sem reconhecimento social. Sua experiência do divino é prática, contenção da palavra e profundamente político, pois garante a continuidade da existência em um contexto de negação de direitos.

Enquanto Salustiana representa a vivência espiritual doméstica, Zeca Chapéu Grande surge como expressão do campo espiritual comunitário. Zeca é o líder do jarê, ele atua como curador, conselheiro e referência espiritual para toda a região. Sua função não se restringe ao

¹ Jarê é uma religião afro-brasileira única da Chapada Diamantina (BA), que mescla tradições africanas (Nagô, Bantu) com elementos indígenas e do catolicismo popular. Caracteriza-se pelo uso de ervas, curas com plantas, cultos aos caboclos, e celebrações que incluem festas como a de São Cosme e Damião, sendo um sincretismo rico em história e espiritualidade local, com forte conexão com a natureza.

ritual, estendendo-se ao acolhimento das dores físicas e emocionais do povo. A espiritualidade exercida por ele está diretamente ligada às necessidades concretas da comunidade.

Continuou atendendo aos que chegavam carregando aflições, querendo um alento, uma reza, um remédio de raiz para curar seus males (Vieira Júnior, 2019, p. 26).

A cena revela que a dimensão do transcendente, no romance, traduz-se em cuidado coletivo. A reza, o remédio e a escuta funcionam como respostas simbólicas e práticas à ausência do Estado e à precariedade das condições de vida. O jarê, nesse contexto, configura-se como espaço de fortalecimento comunitário, no qual se compartilham angústias e se renovam forças para continuar.

Essa prática religiosa não pode ser compreendida a partir de modelos idealizados de “pureza” ritual. Ferretti (2001) aponta que os estudos afro-brasileiros historicamente supervalorizam determinadas tradições consideradas mais “tradicionais”, em detrimento de outras práticas vividas pelo povo pobre do campo. O jarê retratado em *Torto Arado* insere-se justamente nesse espaço marginalizado, revelando uma religiosidade legítima, enraizada no cotidiano e na experiência coletiva.

A presença dos encantados reforça essa compreensão da espiritualidade como parte integrante da vida comunitária. A manifestação de Santa Rita Pescadeira durante o jarê mobiliza a coletividade e confirma a continuidade entre os ancestrais e os vivos.

Quando ela se anunciou como Santa Rita Pescadeira, os tambores silenciaram e uma comoção tomou conta dos presentes. Era possível distinguir os questionamentos no meio da audiência, se a encantada de fato existia ou não, e por que até então não havia se manifestado, já que aquele jarê era tão antigo quanto a fazenda e os desbravadores daquela terra (Vieira Júnior, 2019, p. 76).

A mudez imposta dos tambores e a reação do público demonstram que o sagrado é reconhecido como presença real. Ao mesmo tempo, a dúvida coexistente revela uma espiritualidade vivida de forma humana, aberta à experiência e à interpretação. Para Bibiana, que mais tarde terá contato com a cidade e com outras formas de organização social, esse universo espiritual tornar-se-á base para a construção de uma consciência crítica. Para Belonísia, essa dimensão se expressará de modo mais sensorial e corporal, vinculada à terra e ao apagamento histórico. Ambas, contudo, são atravessadas pelo mesmo legado ancestral.

Desse modo, a esfera religiosa em *Torto Arado* atua como elemento organizador da afirmação da existência. Ele preserva a marca do tempo, fortalece vínculos e sustenta a permanência da comunidade diante das tentativas históricas de apagamento. A espiritualidade não elimina a exploração, mas oferece linguagem, pertencimento e continuidade. Assim, a prática religiosa não se limita à dimensão religiosa: ele é também política, vestígio histórico e

mecanismo de permanência, garantindo que o povo de Água Negra permaneça de pé, mesmo quando tudo ao redor insiste em fazê-lo desaparecer.

5. O SILENCIADO: CORPO, VOZ E RESISTÊNCIA FEMININA

O silêncio em *Torto Arado* não se apresenta como ausência, falta ou vazio. Ao contrário, ele se constrói como presença constante, marca profunda e arquivo simbólico viva que atravessa os corpos e as experiências das personagens.

Desde o início da narrativa, Itamar Vieira Júnior estabelece a ausência de voz como elemento estruturante da identidade das mulheres da comunidade de Água Negra, evidenciando como o silenciamento histórico atravessa gerações, sobretudo quando se trata de corpos negros femininos. Essas mulheres carregam, ao longo da história do Brasil, o peso de terem suas vozes sistematicamente negadas, mesmo quando não sofrem mutilações físicas explícitas. Nesse contexto, a suspensão da fala não é escolha individual, mas consequência direta de uma estrutura social que historicamente interditou a palavra dessas existências.

O acidente que inaugura o romance, envolvendo as duas irmãs ainda crianças, materializa de forma simbólica esse processo de silenciamento. A perda da língua de uma das meninas não pode ser compreendida apenas como um trauma familiar isolado. Ela assume um significado mais amplo, funcionando como metáfora da violência histórica que recai sobre corpos negros, especialmente femininos, impedidos de falar, decidir e existir plenamente. A língua arrancada representa a fala negada, a palavra interdita e a voz cortada não apenas pela faca, mas por toda uma estrutura social que se sustenta no apagamento dessas vozes.

A maneira como esse episódio é narrado reforça sua dimensão simbólica. A cena não é breve nem casual; ela é extensa, sangrante e cuidadosamente construída para marcar um destino que atravessará toda a narrativa:

Belonísia também retirou a faca da boca, mas levou a mão até ela como se quisesse segurar algo. Seus lábios ficaram tingidos de vermelho, não sabia se tinha sido a emoção de sentir a prata, ou se, assim como eu, tinha se ferido, porque dela também escorria sangue. Tentei engolir o que podia, minha irmã também esfregava rápido a mão na boca com os olhos marejados e apertados, tentando afastar a dor. [...] Nossos pais retornaram da roça e encontraram minha avó desorientada, com nossas cabeças mergulhadas numa tina de água, gritando: ‘Ela perdeu a língua, ela cortou a língua’ (Vieira Júnior, 2019, p. 11-13).

Quando observada com atenção, essa cena revela mais do que a tragédia do acidente. As meninas são crianças curiosas, lidando com um objeto proibido, mas é o desfecho que se impõe: a mudez definitiva de Belonísia e a impossibilidade de dizer traumático que passa a marcar Bibiana. Uma perde a possibilidade material da fala; a outra carrega a herança

histórica do ocorrido, a culpa e a responsabilidade de preservar a voz. Desde esse momento, as duas passam a existir de forma profundamente entrelaçada, como se a voz de uma precisasse carregar também a experiência da outra.

Nesse sentido, o romance não narra apenas uma tragédia doméstica, mas simboliza o corte histórico da voz feminina negra, constantemente interrompida, desviada ou apropriada. Conforme analisa Lélia Gonzalez (1984), a mulher negra no Brasil é submetida a uma dupla forma de silenciamento, resultante da interseção entre racismo e sexismo, o que marca profundamente sua experiência social e cultural. Em *Torto Arado*, essa condição se traduz literariamente de maneira brutal: a língua arrancada transforma-se em corpo político, e a mudez torna-se marca concreta da desigualdade histórica. A linguagem não verbal, longe de indicar submissão, passa a operar como linguagem ancestral e forma de continuidade.

A partir do acidente, Belonísia não fala mais, mas comunica. Ela observa, sente, percebe e se conecta profundamente com a terra, com os encantados, com o sagrado e com a dor coletiva da comunidade. Bibiana, por sua vez, passa a ocupar um lugar ambíguo: é aquela que fala, mas que carrega o peso de uma fala atravessada pela ausência da irmã. Enquanto Belonísia vive o silêncio do corpo, Bibiana vive o da culpa e da memória, o que reforça ainda mais o vínculo entre as duas.

O romance explicita esse processo em longos trechos introspectivos, nos quais a suspensão da fala deixa de ser apenas condição física e passa a constituir a identidade da personagem. Em determinado momento, a narradora reflete sobre sua incapacidade de produzir sons:

Era um arado torto, deformado, que penetrava a terra de tal forma a deixá-la infértil, destruída, dilacerada. Tentei outras vezes, sozinha, dizer a mesma palavra, e depois outras, tentar restituir a fala ao meu corpo para ser a Belonísia de antes, mas logo me vi impelida a desistir. Nem mesmo quando o edema se desfez consegui reproduzir uma palavra que pudesse ser entendida por mim mesma. [...] Durante todos esses anos, somente quando estava só, e mesmo assim muito raramente, ousava dizer algo. (Vieira Júnior, 2019, p. 121).

Esse trecho evidencia que a contenção da palavra não é apenas física, mas também emocional, psicológico e social. Belonísia perde o lugar simbólico da fala, mas preserva sua voz interior. Ao mesmo tempo, Bibiana assume progressivamente a função de mediadora entre essa impossibilidade de dizer e o mundo, sendo aquela que aprende a nomear a dor, a injustiça e, mais tarde, a luta. A língua arrancada de uma faz surgir, na outra, uma consciência ainda mais aguda da palavra e de seu peso.

A fala interdita, no entanto, não se restringe à experiência das irmãs, estendendo-se à comunidade de Água Negra como um todo. Trata-se de um apagamento coletivo, social e

histórico, que não nasce da ignorância ou da submissão, mas da ausência de espaços legítimos de escuta. Os moradores da fazenda compreendem a exploração à qual estão submetidos, mas não encontram meios institucionais ou sociais para que suas vozes sejam reconhecidas.

Essa condição é explicitada quando o romance descreve a realidade do trabalho imposto aos trabalhadores da comunidade:

Mas que liberdade? Não podíamos construir casa de alvenaria, não podíamos botar a roça que queríamos. Levavam o que podiam do nosso trabalho. Trabalhávamos de domingo a domingo sem receber um centavo. O tempo que sobrava era para cuidar de nossas roças, porque senão não comíamos (Vieira Júnior, 2019, p. 212).

O excerto evidencia que a mudez imposta vivenciada pela comunidade não corresponde à ausência de consciência, mas à negação sistemática de direitos e de reconhecimento destas pessoas. Assim como Belonísia tem a fala mutilada fisicamente, os moradores de Água Negra experimentam outra forma de silenciamento: a impossibilidade histórica de terem suas reivindicações ouvidas. A economia da fala coletiva, portanto, opera como marca da exploração estrutural e prepara o terreno para o surgimento da consciência política que se desenvolverá ao longo da narrativa.

O pacto silencioso que une as irmãs sintetiza essa experiência compartilhada:

Aquele era o nosso pacto de vida, desde o fatídico dia em que a faca de Donana havia fendido nossa história, decepado uma língua, impedido a produção de sons, ferindo a vaidade de uma Mãe D'água, mas unindo duas irmãs nascidas do mesmo ventre, em tempos diferentes, pela vida até aquele instante (Vieira Júnior, 2019, p. 48).

Esse pacto transforma o trauma em vínculo. A contenção da palavra passa a operar como linguagem de afeto, memória e reação histórica. Belonísia e Bibiana constroem uma relação baseada no gesto, no olhar e na presença, revelando que a subjetividade encontra caminhos para sobreviver mesmo quando a fala é arrancada. Ao mesmo tempo, essa experiência individual se converte em metáfora do silenciamento estrutural imposto ao povo negro da fazenda.

Por fim, o romance evidencia que essa ausência de voz é sustentada, sobretudo, pelas mulheres da comunidade. Donana e Salustiana mantêm a espiritualidade e a organização da casa; Bibiana e Belonísia preservam o registro do passado e a continuidade da família. A suspensão da fala feminina, longe de representar apagamento, revela-se estratégia de cuidado e sobrevivência em um contexto marcado pela exploração, pela pobreza e pela violência estrutural. Trata-se de uma força que não depende da palavra para existir, mas que se transmite pela experiência, pela presença e pela permanência.

Assim, em *Torto Arado*, a experiência da mudez não se cala. Ele preserva memórias, conecta vivos e mortos, sustenta vínculos e prepara o terreno para a luta que se anuncia nos

capítulos seguintes. É nesse espaço silencioso que se forja a sustentação identitária feminina que atravessa toda a narrativa.

6. O FANTÁSTICO E A ANCESTRALIDADE COMO LINGUAGEM DE RESISTÊNCIA

O fantástico em *Torto Arado* não surge como ruptura com a realidade nem como recurso imaginativo destinado a embelezar a narrativa. Ele se apresenta como uma dimensão orgânica da vida das personagens, profundamente conectada à ancestralidade, à terra e à espiritualidade afro-brasileira que estrutura o cotidiano da comunidade de Água Negra.

No romance, o sobrenatural não é estranho, incomum ou excepcional. Ele integra a normalidade da existência daquele povo e corresponde à forma como a comunidade compreende a si mesma e o mundo ao seu redor. Por isso, a dimensão do encantamento se manifesta de maneira fluida e natural, revelando que aquilo que, para um olhar externo, poderia ser entendido como extraordinário, para as personagens é apenas continuidade de uma experiência ancestral.

Para compreender o funcionamento do registro sobrenatural em *Torto Arado*, é fundamental recorrer à concepção proposta por Tzvetan Todorov, para quem o plano do invisível não se define apenas pela presença do sobrenatural, mas pela forma como esse elemento se relaciona com a realidade narrativa. Segundo o autor, a lógica do encantado surge quando o texto constrói uma experiência em que o extraordinário não é imediatamente explicado nem negado, permanecendo integrado à lógica interna da obra (Todorov, 2008). No romance, a presença dos encantados é recebida como parte do cotidiano, o que reduz o efeito de estranhamento e desloca a chave simbólica da narrativa para uma cultural.

Em *Torto Arado*, essa integração é completa e naturalizada, pois a presença dos encantados, dos sinais da natureza e do vínculo intergeracional não provoca estranhamento nas personagens, mas organiza sua compreensão do mundo, reforçando a experiência do extraordinário como linguagem cultural e espiritual.

Essa naturalização da dimensão não racional faz com que ele se transforme em linguagem de resistência. Por meio dele, vozes historicamente silenciadas encontram formas alternativas de expressão, manifestando-se através da natureza, dos corpos encantados e dos objetos carregados de memória. A camada espiritual do texto, nesse sentido, não cria fuga da realidade, mas amplia a compreensão dela, permitindo que experiências de dor, perda e pertencimento sejam significadas dentro de uma lógica própria.

Desde as primeiras páginas do romance, percebe-se que a narrativa opera dentro de uma lógica em que objeto e espírito se misturam. A faca, símbolo central da obra, não funciona apenas como instrumento do acidente que marca a infância das irmãs. Ela se configura como o primeiro portal para a linguagem do encantamento. Sua descrição carrega uma aura que ultrapassa o aspecto material, como se fosse depositária de histórias ocultas, lembrança compartilhada e destinos entrelaçados:

Vi parte de meu rosto refletido como num espelho, assim como vi o rosto de minha irmã, mais distante. Belonísia tentou tirar a faca de minha mão e eu recuei (Vieira Júnior, 2019, p. 11).

Nesse momento, a faca deixa de ser um objeto doméstico comum e passa a assumir um papel simbólico na narrativa. O reflexo dos dois rostos sugere um cruzamento de destinos, revelando a ligação profunda entre Bibiana e Belonísia. A imagem da proximidade e do afastamento dos rostos no reflexo antecipa a relação que será construída entre as duas após o acidente: unidas pela experiência traumática, mas marcadas por destinos distintos. O gesto de Belonísia ao tentar pegar a faca e o recuo da narradora instauram uma tensão que antecipa o acontecimento trágico, como se o objeto carregasse em si um presságio.

A faca, portanto, anuncia ruptura e transformação. Ela marca o fim da infância ingênua das meninas e inaugura uma trajetória atravessada por dor, interdição da palavra e cumplicidade. Ainda que apenas Belonísia seja mutilada fisicamente, ambas são afetadas pelo acontecimento, pois suas histórias passam a ser construídas de forma indissociável. O fantástico, aqui, atua como antecipação simbólica do destino que se impõe às duas.

Essa lógica do encantamento se intensifica com a presença de Donana, figura que representa a ponte entre vivos e mortos. Sua morte não é narrada como afastamento definitivo, mas como travessia. O romance descreve esse momento com forte carga simbólica:

Foi assim que cheguei à beira do rio Utinga, no raso que era passagem permanente para o brejo no caminho das roças, e encontrei Donana emborcada como um bicho na beira e dentro d'água. Seus cabelos brancos pareciam uma esponja luminosa que refletia a luz do sol no espelho que se formava. Reconheci porque era o vestido surrado de minha avó, um vestido que, de tão velho, talvez fosse o mesmo com que ela chegou numa boleia de caminhão, acompanhada de meu pai pouco antes que eu nascesse. Assombrada com aquela visão, talvez a primeira de minha vida, deixei os frutos caírem e rolares para o leito de água (Vieira Júnior, 2019, p. 25).

A cena da morte de Donana revela que, dentro da lógica da comunidade, a morte não representa ruptura, mas passagem. O corpo localizado no limite entre água e terra simboliza esse espaço de transição entre mundos. Os cabelos brancos iluminados pelo sol e o vestido antigo reforçam a ideia de continuidade ancestral, conectando o início e o fim da trajetória dessa mulher. A reação da narradora, ao deixar os frutos caírem, evidencia que ela não

testemunha apenas a morte da avó, mas um momento sagrado, no qual a ancestralidade se manifesta de forma concreta.

Donana não desaparece com a morte; ela se transforma em presença ancestral ativa. Sua existência continua a influenciar decisões, rituais e afetos da família, especialmente na formação de Bibiana e Belonísia, que carregam essa herança espiritual de maneiras distintas, mas complementares.

Outro símbolo central do fantástico é a mala de Donana, que funciona como objeto e dimensão do transcendente e repositório de marca do tempo:

Ao percebermos nossa avó se afastar da casa pela lateral do terreiro, nos olhamos em sinal de que o terreno estava livre, para em seguida dizer que era a hora de descobrir o que Donana escondia na mala de couro, em meio às roupas surradas com cheiro de gordura rançosa (Vieira Júnior, 2019, p. 9).

A mala deixa de ser objeto cotidiano e se transforma em espaço simbólico onde se acumulam saberes, práticas e histórias transmitidas por gerações. Ela guarda aquilo que não foi registrado por escrito, mas que sobreviveu no cotidiano, nos cheiros, nas roupas e nos gestos. A curiosidade das meninas diante da mala revela o desejo de acessar essa herança, antecipando o papel que o elo com os ancestrais terá na vida das duas irmãs.

O encantamento assume, assim, um papel político na narrativa. Quando Belonísia perde a língua, quando Bibiana passa a carregar a palavra, quando a comunidade tem seus direitos negados, são os encantados, os ancestrais e a própria terra que falam. O registro sobrenatural não atua como entretenimento, mas como proteção e fortalecimento coletivo. Ele oferece à comunidade a certeza de que não estão sozinhos e de que suas dores são reconhecidas por forças que ultrapassam o mundo material.

Desse modo, a esfera do sobrenatural cotidiano em *Torto Arado* não é mero adorno literário. Ele se configura como linguagem política, emocional e espiritual que conecta passado e presente, dor e resistência, contenção da palavra e memória. A tradição transmitida não pertence ao passado; ela permanece ativa, acompanhando e sustentando os vivos. É por meio dessa dimensão fantástica que o romance devolve voz aos ancestrais e oferece aos personagens a força necessária para resistir às violências que atravessam suas vidas.

7. LUTA ANTIRRACISTA E CONSCIÊNCIA COLETIVA

A luta antirracista em *Torto Arado* não surge como um acontecimento isolado, repentino ou desvinculado da experiência cotidiana da comunidade de Água Negra. Ao contrário, ela é apresentada como resultado de um processo lento, profundo e coletivo,

construído ao longo de gerações por um povo que, apesar das violências históricas às quais foi submetido, nunca deixou de resistir.

A consciência política que se forma na narrativa não nasce do discurso formal, do estudo acadêmico ou de organizações externas, mas da própria vida, do trabalho árduo, do sofrimento acumulado e da memória ancestral transmitida entre gerações. Trata-se de uma consciência forjada no corpo, na terra e na experiência concreta da exploração.

Nesse sentido, a luta antirracista não aparece como algo aprendido, mas como algo reconhecido. O povo de Água Negra passa a compreender que a injustiça que vivenciam não é fruto do acaso nem da vontade divina, mas de uma estrutura social construída historicamente para manter determinados grupos no poder. Essa percepção nasce da observação do cotidiano, da repetição da miséria, da exaustão física e da ausência de qualquer retorno digno pelo trabalho realizado. A terra, que alimenta e sustenta, torna-se também símbolo da desigualdade, pois pertence legalmente àqueles que não a cultivam, enquanto os verdadeiros trabalhadores permanecem privados de direitos.

A exploração vivida pelos moradores da fazenda Água Negra é apresentada como continuidade de um modelo histórico profundamente enraizado na formação social brasileira. Homens, mulheres e crianças trabalham desde cedo, dedicam suas vidas à roça, enterram seus mortos naquele solo e, ainda assim, não possuem qualquer direito sobre a terra que cultivam. A narrativa evidencia essa desigualdade estrutural ao mostrar que o trabalho incessante não resulta em autonomia, mas em esgotamento físico e apagamento social. Essa realidade é sintetizada no seguinte trecho:

Trabalhávamos de domingo a domingo sem receber um centavo. O tempo que sobrava era para cuidar de nossas roças, porque senão não comíamos. Era homem na roça do senhor e mulher e filhos na roça de casa, nos quintais, para não morrerem de fome. Os homens foram se esgotando, morrendo de exaustão, cheios de problemas de saúde quando ficaram velhos (Vieira Júnior, 2019, p. 212).

Esse excerto evidencia que os personagens não são tratados como sujeitos, mas como força de trabalho descartável. A vida humana é reduzida à produtividade, e o corpo negro é explorado até o limite, sem reconhecimento ou proteção. Nesse contexto, a luta antirracista surge como tentativa de romper com esse apagamento histórico, transformando aqueles que sempre foram tratados como sombras em sujeitos conscientes de seu valor e de seus direitos.

O processo de tomada de consciência ganha força quando Bibiana retorna da cidade trazendo novas formas de compreender o mundo. Sua experiência fora da fazenda, aliada à ancestralidade que sempre carregou, amplia seu olhar sobre a realidade vivida pela comunidade. Bibiana passa a entender que o medo, a submissão e a exploração não são

naturais nem divinas, mas construções sociais mantidas por aqueles que concentram poder econômico e político. Ao retornar, ela não cria a luta pela terra, pois essa luta já existia como sentimento coletivo; no entanto, é Bibiana quem dá forma às palavras, quem verbaliza aquilo que sempre esteve guardado no silêncio.

Ao falar, Bibiana não se coloca acima da comunidade, mas se reconhece como parte dela. Sua voz carrega a dor coletiva e transforma o sofrimento em discurso político. Nesse sentido, sua atuação está diretamente ligada à compreensão de que toda fala parte de uma experiência situada. Bibiana fala a partir de sua história, de sua vivência e da realidade que testemunhou, dando visibilidade àquilo que sempre foi silenciado.

Belonísia, por sua vez, assume um papel político igualmente central, ainda que sua experiência seja marcada pela ausência da fala. Seu corpo mutilado funciona como metáfora da história do Brasil, um país que sistematicamente cortou a voz dos povos negros, indígenas e pobres, mas que nunca conseguiu eliminar completamente suas formas de resistência. Mesmo sem língua, Belonísia compreende profundamente a injustiça que atravessa sua existência. Sua relação intensa com a terra, com os encantados e com a espiritualidade faz com que sua estratégia de continuidade se manifeste de forma silenciosa, visceral e ancestral.

Enquanto Bibiana transforma a suspensão da fala em palavra, Belonísia transforma em presença. As duas representam formas complementares de oposição estrutural: uma que fala, denuncia e organiza; outra que sente, sustenta e resiste no corpo. Juntas, elas revelam que a luta antirracista não se constrói apenas pela linguagem verbal, mas também pela memória, pela espiritualidade e pela permanência.

A luta pela terra, que se intensifica na segunda metade do romance, representa o ápice da consciência coletiva. Após décadas vivendo como trabalhadores sem direitos, os moradores passam a compreender que a terra não pertence apenas àqueles que detêm documentos legais, mas àqueles que a transformam diariamente com seu trabalho. Essa percepção se torna explícita quando Severo, uma das lideranças emergentes, expressa aquilo que todos sentiam, mas não conseguiam formular:

Queremos ser donos de nosso próprio trabalho, queremos decidir sobre o que plantar e colher além de nossos quintais. Queremos cuidar da terra onde nascemos, da terra que cresceu com o trabalho de nossas famílias (Vieira Júnior, 2019, p. 181).

Essa fala marca a transição do sofrimento para a reivindicação consciente. O povo começa a se reconhecer como sujeito de direitos e a compreender que viver na terra não é o mesmo que a possuir. Trabalhar a terra não garante dignidade quando não há reconhecimento

legal, político e social. A palavra de Severo transforma a dor acumulada em ação coletiva, inaugurando um novo momento na história da comunidade.

Esse deslocamento da dor individual para a consciência coletiva pode ser compreendido a partir do conceito de dialogismo proposto por Mikhail Bakhtin, segundo o qual todo discurso é atravessado por múltiplas vozes sociais e históricas, que se constroem na relação com o outro. Para o autor, a palavra nunca é isolada, mas nasce de um contexto social compartilhado, carregando experiências coletivas e valores históricos (Bakhtin, 2011). Em *Torto Arado*, a fala de Severo não expressa apenas uma opinião individual, mas focaliza a experiência acumulada de toda a comunidade de Água Negra, transformando o sofrimento em discurso político e a vivência coletiva em tomada de consciência.

Esse processo de luta não é apenas político, mas também espiritual. Os encantos, a ancestralidade, o jarê e todo o universo sagrado da comunidade oferecem sustentação emocional para que a resistência floresça. A espiritualidade, longe de alienar, fortalece. A vivência espiritual não funciona como fuga da realidade, mas como ferramenta para enfrentá-la. É na conexão com os ancestrais que o povo encontra coragem para desafiar estruturas de poder que, por séculos, parecem intransponíveis.

A luta pela terra, portanto, não se limita a uma disputa material. Ela representa a continuidade da história ancestral daquele povo. Severo, Bibiana, Belonísia e tantos outros se levantam porque carregam em si não apenas a dor do presente, mas a memória de gerações marcadas pela exploração. O mecanismo de permanência se constrói como herança, transmitida de corpo em corpo, de gesto em gesto, de lembrança em lembrança.

O amor também desempenha papel fundamental nesse processo. Não se trata de um amor romântico, mas de um amor político e comunitário, que une, cuida e organiza. O amor de Donana pelos netos, o cuidado de Zeca Chapéu Grande com o povo, a dedicação de Salustiana à família e à casa transformam-se em força coletiva. Esse amor sustenta a luta porque cria vínculos e fortalece a ideia de pertencimento, elemento essencial para qualquer movimento de oposição estrutural.

Dessa forma, o romance revela que a luta antirracista e a consciência coletiva em *Torto Arado* nascem de múltiplas fontes: da ausência de voz, da linguagem não verbal, do fantástico, da tradição transmitida, da dor e da esperança. Trata-se de uma luta que não se expressa apenas pelo grito, mas também pelo canto, pela dança, pela cura e pela memória. É uma luta que não começa com armas, mas com rezas; não começa com discursos formais, mas com lembranças compartilhadas; não começa com rupturas bruscas, mas com continuidades

históricas. É, acima de tudo, a luta de um povo que, mesmo impedido de falar por séculos, jamais deixou de resistir.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho partiu da seguinte questão de pesquisa: de que maneira *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, articula a prática religiosa, o silêncio e a dimensão mítica como formas de resistência e de construção da consciência coletiva do povo negro rural brasileiro? A partir dessa pergunta, buscou-se compreender como esses elementos simbólicos estruturam a narrativa e revelam processos históricos, culturais, espirituais e políticos que atravessam a experiência das personagens de *Água Negra*, refletindo dinâmicas mais amplas da formação social do Brasil.

A análise desenvolvida ao longo dos capítulos permitiu compreender que *Torto Arado* não se limita a narrar a vida de uma comunidade rural específica, mas constrói uma cosmovisão na qual registro do passado ancestral, espiritualidade, dor e luta coletiva se entrelaçam.

O romance apresenta uma leitura profunda do Brasil invisibilizado, aquele marcado pela exploração do trabalho negro, pelo silenciamento histórico e pela negação sistemática de direitos, mas também pela sustentação identitária cotidiana, pela preservação cultural e pela permanência da presença dos antepassados. Nesse sentido, a obra transcende os limites da literatura contemporânea e se afirma como uma narrativa profundamente comprometida com a dimensão humana, social e política da experiência negra brasileira.

No primeiro capítulo, foi possível observar que a religiosidade popular constitui a base estrutural do mecanismo de permanência em *Água Negra*. Ele não aparece restrito aos rituais religiosos formais, mas se manifesta nos gestos cotidianos, no cuidado com a terra, na transmissão de saberes entre gerações e, sobretudo, na atuação das mulheres mais velhas da comunidade. Figuras como Donana e Salustiana revelam que a espiritualidade afro-brasileira não é alienante, mas organizadora da vida coletiva. A experiência do divino funciona como abrigo emocional, como lembrança coletiva viva e como ferramenta de preservação cultural diante de um sistema que historicamente tentou destruir os símbolos, a fé e a autonomia do povo negro. Em *Torto Arado*, a religiosidade não separa corpo e espírito, mas os integra, fortalecendo a comunidade frente às adversidades.

O segundo capítulo evidenciou que a fala interdita, longe de representar ausência, passividade ou submissão, constitui uma linguagem própria de afirmação da existência. A

mutilação da língua de Belonísia simboliza o silenciamento imposto aos corpos negros e femininos ao longo da história brasileira. No entanto, esse silêncio não anula a existência; ao contrário, cria outras formas de comunicação, sensibilidade e pertencimento. Belonísia resiste pelo corpo, pelo gesto e pela conexão profunda com a terra e com o legado dos antepassados. Bibiana, por sua vez, assume o papel de transformar essa economia da fala em palavra, articulando a dor coletiva em discurso político. Assim, o romance demonstra que a afirmação coletiva se constrói tanto pela fala quanto pela presença, revelando múltiplas formas de existir e lutar.

No terceiro capítulo, a análise mostrou que o registro sobrenatural em *Torto Arado* não rompe com a realidade, mas a amplia. A presença dos encantados, os sinais da natureza, os objetos carregados de continuidade histórica e a permanência dos mortos na vida dos vivos revelam uma lógica narrativa em que o mundo espiritual e o mundo material coexistem. A lógica do encantado recupera vozes apagadas pela história oficial e reescreve os saberes herdados como força ativa no presente. Trata-se de uma linguagem política e cultural que permite aos personagens compreenderem sua própria história, encontrarem proteção espiritual e sustentarem a força de continuidade diante da violência estrutural. A experiência do extraordinário, portanto, não é fuga, mas ferramenta de sobrevivência e reorganização do mundo.

O quarto capítulo demonstrou que a articulação entre dimensão espiritual, experiência da mudez e da camada espiritual do texto culmina no surgimento de uma consciência política coletiva. A luta antirracista em *Torto Arado* não nasce de forma abrupta ou externa à comunidade, mas do reconhecimento de que a exploração vivida não é natural nem inevitável. A luta pela terra emerge como reivindicação de dignidade, pertencimento ancestral e justiça social. As trajetórias de Bibiana, Belonísia, Severo e dos demais moradores de Água Negra revelam o momento em que o povo deixa de se perceber como objeto da história e passa a se reconhecer como sujeito coletivo de direitos. A oposição estrutural, nesse contexto, é espiritual, política e profundamente humana.

É necessário, contudo, reconhecer as limitações deste estudo. A análise concentrou-se principalmente nos aspectos simbólicos e literários da obra, priorizando as categorias da espiritualidade, da contenção da palavra, do fantástico e da herança afro-brasileira. Não foi possível, por exemplo, aprofundar uma análise comparativa com outras obras da literatura brasileira contemporânea que abordam a experiência negra rural, nem desenvolver um diálogo mais amplo com estudos antropológicos específicos sobre práticas religiosas como o jarê.

Além disso, o trabalho se baseou em uma leitura interpretativa, o que não esgota as múltiplas possibilidades críticas da obra.

Diante disso, abrem-se caminhos relevantes para pesquisas futuras. Estudos comparativos entre *Torto Arado* e outras narrativas que abordam a luta pela terra e a experiência negra podem ampliar a compreensão do tema. Investigações mais aprofundadas sobre o jarê, suas práticas e seus significados culturais, em diálogo com a antropologia religiosa, também se mostram promissoras. Além disso, análises que articulem a obra de Itamar Vieira Júnior com teorias da dimensão não racional, do legado ancestral e da narrativa podem enriquecer ainda mais o debate acadêmico.

Conclui-se, portanto, que *Torto Arado* é uma obra que revela o Brasil profundo, frequentemente ausente das narrativas oficiais. Ao articular sagrado, silêncio e fantástico, o romance demonstra que onde houve violência também houve permanência social; onde houve silenciamento, houve reinvenção; onde houve exploração, houve luta; e onde houve morte, houve ancestralidade. A literatura de Itamar Vieira Júnior não apenas denuncia as desigualdades históricas, mas honra a herança histórica dos que vieram antes e afirma a dignidade dos que continuam lutando. Este TCC buscou compreender, valorizar e evidenciar essa força de continuidade, reconhecendo-a como parte fundamental da história, da cultura e da identidade do povo negro brasileiro.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- FELSKI, Rita. **Usos da literatura**. Tradução de André Cechinel. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FERRETTI, Sérgio. **Notas sobre o sincretismo religioso no Brasil**. São Luís: EDUFMA, 2001.
- FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984. p. 223–242.
- PRÊMIO JABUTI. **Vencedores do Prêmio Jabuti 2020**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2020. Disponível em: <https://www.premiojabuti.com.br>. Acesso em: 02 out. 2025.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa

Castello. São Paulo: Perspectiva, 2008.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Perfil do autor**. São Paulo: Editora Todavia, s.d. Disponível em: <https://todavia.com.br>. Acesso em: 12 nov. 2025.